



PET
infoinclusão
Programa de Educação Tutorial PET MEC

Reitor da Universidade Federal de Pernambuco

Alfredo Macedo Gomes

Vice-reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-reitora para Assuntos Acadêmicos

Magna do Carmo Silva

Diretor do Centro Acadêmico do Agreste

Manoel Guedes Alcoforado Ne

Vice-diretor

Gilson Lima da Silva

Coordenadora da Pós-Graduação em Educação Contemporânea PPGEDuc do Centro Acadêmico do Agreste

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles

Tutora do Programa de Educação Tutorial – PET Infoinclusão

Michele Mara de Araújo Espíndula

Editores Responsáveis da Revista

Anna Rita Sartore

Janssen Felipe da Silva

Michele Guerreiro Ferreira

Saulo Ferreira Feitosa

Projeto Gráfico

Amanda Rodrigues da Cunha

Millena Maria Cintra Gomes

Tradução

Anna Rita Sartore

Emanuelle de Souza Barbosa

Fábio Junio Gomes da Silva

Revisadores da Edição

Amanda Rodrigues da Cunha

Ana Karla do Nascimento Silva

Fábio Junio Gomes da Silva

Karine Cavalcante da Silva

Millena Maria Cintra Gomes

Nestor Henrique Torres Bezerra da Silva

Raiane Maria da Conceição Silva

Design Gráfico

Amanda Rodrigues da Cunha

Erivaldo Pereira Alvez Júnior

Guilherme Campos Vieceli

Haillyder Artiris Ferreira da Silva

lasmin Silva Tabosa

Maria de Fatima da Silva

Maria Iris de Lima Santos

Millena Maria Cintra Gomes

Tatiane Kelly Ferreira Dos Santos

Thays Freitas de Souza

Sávio Ramon Santiago Paulino

Capa

Maria Iris de Lima Santos

Conselho Editorial

Adrián Scribano (CIES-ARG)
Ana Maria Pereira Aires (UFRN)
Claudemir Belintane (USP)
Claudilene Silva (UNILAB)
Dalila Andrade Oliveira (UFMG)
Débora Maria do Nascimento (UERN)
Denise Xavier Torres (UFCG)
Edlamar Oliveira dos Santos (IFPE)
Eliene Amorim (FAFIRE)
Estevão Rafael Fernandes (UNIR)
Faustino Teatino Cavalcante Neto (UFCG)
José Batista Neto (UFPE)
Lorena Lima de Moraes (UFRPE)
Luiz Fernandes Dourado (UFG)
Márcia Angela da Silva Aguiar (UFPE)
Marcia Maria Gurgel Ribeiro (UFRN)
Maria de Fátima Garcia (UFRN)
Maria do Socorro Silva (UFCG)
Maria Eliete Santiago (UFPE)
Maria Luiza Sussekind (UNIRIO)
Maria Margarate S. de C. Braga (UECE)
Maria Veronica Filardo Garcia (UFRN)
Nadège Mézié (UNIVERSITÉ PARIS DESCARTES)
Patrícia Ignásio (FURG)
Paula Santana (UFPE)
Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSCar)
Rita de Cassia Cavalcanti Porto (UFPB)
Sheila Oliveira Lima (UEL)
Tatiane Rodrigues Cosentino (UFSCar)
Wallace Ferreira de Souza (UFCG)

Apresentação

Pensamento Negro e Educação no Contexto Afrodiásporico: temas, problemas e desafios

SILVA, Claudilene Maria da¹
DIAS, Lucimar Rosa²
VALENTIM, Silvani dos Santos³

A presente edição da Revista *Interritórios* chega a público ao final desse primeiro ano de atravessamento dos tempos pandêmicos do século XXI. A pandemia do COVID-19 no início do ano de 2020 mergulhou o mundo inteiro num labirinto de incertezas. A doença e as desiguais formas de se proteger contra ela, ceifou a vida de milhares de pessoas, no Brasil e no mundo, expondo e agravando as desigualdades sociais, educacionais e raciais que estruturam nossas relações. As populações vulneráveis socialmente, que no caso brasileiro ganham destaque as populações negras e indígenas, estão mais expostas ao contato, a infecção e a morte pelo vírus.

O principal fator apontado para explicar as diferenças nas taxas de letalidade e infecção, entre os grupos raciais no Brasil é o racismo estrutural ao qual essa população está submetida e a desigualdade histórica que experimentam em função dele. Seja pela maior dificuldade de manter o isolamento social, porque necessitam manter o emprego e a renda, seja pelo menor acesso à saúde e ao saneamento básico.

A luta da população negra longo da história tem sido uma luta por sua existência: seja física ou simbólica. O enfrentamento e o combate ao racismo por parte dessa população que foi sistematicamente invisibilizada, no Brasil e em outros contextos afrodiásporicos, é um combate em legítima defesa de suas vidas, de suas existências e

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – Campus dos Malês /Bahia, Coordenadora do Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e Indígenas (NEAABI/UNILAB). E-mail: claudilenems@unilab.edu.br, Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/5637844544469243> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1015-1251>

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal do Paraná, Coordenadora do grupo ErêYá- Grupo de Estudos para a Educação das Relações Étnico-raciais. E-mail: lucimardias1966@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3476684741346049> Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1334-5692>

³ PhD em Educação, Temple University, USA. Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e da Coordenadoria de Gênero, Raça, Ações Afirmativas e Identidades (CGRAI/CEFET-MG). E-mail: silvanisvalentim@gmail.com; Lattes:CV: <http://lattes.cnpq.br/8274357459966258>; Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5798-2477>

de suas re-existências. Assim, abordar o Pensamento Negro é refletir sobre direitos e sobre as tentativas de sua negação.

A ciência e os saberes de origem africana foram estrategicamente negados. Éramos considerados (e em alguns contextos ainda somos) como seres sem racionalidade. A ascendência africana e o lugar de subordinação a ela relegado pela colonialidade do saber e a geopolítica do conhecimento, buscava não permitir nossa constituição como sujeito político e cognoscente. Porém, a condição subalterna de pessoas negras e seus grupos de pertencimento no mundo, que tentou nos desautorizar a pensar não logrou sucesso. Continuamos a pensar, produzir, refletir e fazer ciência sem pedir licença, o que poderá ser constatado na riqueza e pluralidade de temas e abordagens teóricas que os artigos aqui publicados trazem.

O processo de produção de saberes *sobre* a população negra, no caso brasileiro, a colocava num lugar de objeto ou mero informante do processo investigativo, inclusive, como aponta Sueli Carneiro (2005), em alguns momentos desqualificando a resistência negra apelando à racialidade como fator de subordinação e exclusão social. A esta dinâmica de aniquilamento ou subordinação da razão, Carneiro (2005) denomina de epistemicídio. Entendendo que o espaço educacional tem sido fundamental nessa dinâmica, explica a autora os processos pelos quais ela se produz no campo da educação escolar. Para ela a educação escolar tem produzido o epistemicídio da população negra: quando destina uma educação de baixa qualidade que ocorre em espaços com poucos recursos; quando não reconhece esta população como grupo composto por pessoas cognoscente; quando desconsidera a capacidade destas pessoas de produzir conhecimento relevante e científico; quando propaga a ideia de incapacidade de negros e negras serem sujeitos de razão.

Desse modo, falar em Pensamento Negro, em qualquer área do conhecimento é algo relativamente novo, porque a produção dele foi desconsiderada por um largo período. Entretanto, o Pensamento Negro nunca deixou de existir. De acordo com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Lúcia Maria de Assunção Barbosa (1997), a população negra brasileira, ao longo de sua história que se inicia em África, tem elaborado um pensamento que é próprio às suas raízes, à sua experiência de ser humano, a sua vivência de ser posto a margem da sociedade à qual faz parte e a sua luta para assumir seu lugar de cidadã e cidadão. As autoras definem pensamento como: “o processo de expressar conhecimentos constituídos na experiência vivida e refletida, de combinar compreensões do vivido com julgamentos, propostas, avaliações, hipóteses” (SILVA e BARBOSA, 1997 p. 10), que entendemos foram e são vivenciados também em outros contextos afrodiáspóricos.

Quando focamos o campo da educação, percebemos que a população negra no Brasil, assim como em outros contextos, sempre se preocupou com a educação de suas crianças, jovens e adultos expressando suas concepções e orientações. Como dirá a Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, em entrevista nessa edição, o Pensamento Negro em Educação chega ao Brasil com os africanos que vieram na condição de escravizados.

No âmbito da educação escolar, Claudilene Silva (2019) ao examinar a trajetória recente de luta por uma educação antirracista e uma aprendizagem significativa para a população negra, encontrou iniciativas educativas diversas, e em diferentes regiões do país, destinadas a diferentes níveis e modalidades de ensino: são intervenções pedagógicas, práticas de ensino-aprendizagem, projetos político-pedagógicos e propostas educacionais, que em dados momentos são denominadas pedagogias.

Dentre estas, destaca a autora: a Pedagogia Interétnica de Salvador, proveniente do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, que data de 1978; a Pedagogia Multirracial, formulada por Maria José Lopes da Silva, no Rio de Janeiro, em 1986; a Pedagogia Multirracial e Popular proposta pelo Núcleo de Estudos Negros, em Santa Catarina, em 2001. Em Salvador, ainda é possível apontar a Pedagogia Nagô, também referida como Mito-Pedagogia (a partir de 1999), vivenciada na escola do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá.

De acordo com Silva (2019), essas e outras iniciativas educativas tomam a história e cultura afro-brasileira como bases de sua ação pedagógica e possuem como fundamento o combate permanente ao racismo, a afirmação da identidade da população negra e a superação das desigualdades étnico-raciais. O que para a autora constitui um pensar e agir pedagógicos, uma pedagogia de combate ao racismo, que dialoga com o Pensamento de Paulo Freire e se fundamenta no Pensamento Negro em Educação.

Assim, acompanhando os debates propostos compreendemos como Pensamento Negro em Educação, o conjunto de ideias e práticas educativas construídas a partir das experiências vivenciadas por professoras e professores, ativistas e/ou organizações do movimento negro com a intenção de prover uma educação de efetiva qualidade para a população negra. Estas ideias, experiências e práticas educativas foram postas em discussão em vários momentos, em fóruns acadêmicos e do movimento social negro. A título de exemplo, citamos dois acontecimentos que podem ser entendidos como marco do debate posto para a população negra brasileira, no século XX.

Em alusão ao centenário da abolição em 1988, o Movimento Negro Unificado elegeu “O Negro e a Educação” como tema do VIII Encontro de Negros do Norte e Nordeste realizado no Recife, em julho daquele ano. De acordo como o relatório da

atividade, o encontro teve como preocupação central “questionar a negação da importância do negro na formação social brasileira, através dos meios oficiais de educação do país”⁴. As proposições construídas apontaram para a necessidade de introduzir o estudo da História da África nos currículos escolares; discutir o papel da professora e do professor na descolonização do ensino e considerar a aprendizagem pela prática cultural como elementos importantes para o sucesso do processo de ensino/aprendizagem da população negra (SILVA, 2019).

Em junho de 1995, por ocasião dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, aconteceu o seminário de estudo “O Pensamento Negro em Educação no Brasil – Expressões do Movimento Negro”. Promovido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), reuniu professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores da educação, bem como ativistas, de várias partes do Brasil, que se debruçaram sobre a seguinte questão: “Como o Movimento Negro interpreta o processo educativo de seu povo? As discussões desse seminário foram sistemáticas e publicadas em 1997, no livro de mesmo nome, organizado pelas professoras Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Lucia Maria de Assunção Barbosa.

Consideramos que é trilhando esse caminho de construção, discussão e proposição, que não se inicia no século XX, que os movimentos negros do Brasil chegam à alteração da LDB nº 9394/96, por meio da Lei nº 10.639/03 para inclusão da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana⁵ e com ela, a proposição de modificações na estrutura da sociedade brasileira. Conforme afirma Gomes (2017) são os saberes construídos nessa luta por emancipação “produzidos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro” (p.119) que o tornou um educador da sociedade brasileira. Educando a partir de saberes “identitários, políticos, estéticos-corpóreos”. Como apontou Silva (2019) o que se pretende com o reconhecimento de negras e negros nos espaços escolares, não é apenas a inclusão dessa população na sociedade brasileira, mas também a inclusão de suas formas de pensar, de se organizar e de existir.

A temática desta edição da Revista *Interritórios* - **Pensamento Negro e Educação no Contexto Afrodiaspórico** - propõe-se a retomar questões importantes, refletindo sobre: como o pensamento negro em educação no Brasil se materializa

⁴ Dados disponíveis. In: NEGRO E EDUCAÇÃO. **Relatório do VIII Encontro dos Negros do Norte e Nordeste do Brasil**. Recife: Movimento Negro Unificado, 1988.

⁵ Em 2008, a LDB foi novamente alterada pela Lei Nº 11.645/08, que incluir também a história e cultura indígena.

atualmente nas políticas e práticas educativas? E como ele dialoga (ou pode dialogar) com o Pensamento Negro em outros Contextos Afrodiáspóricos?

A realidade dos efeitos alienantes da colonização europeia sobre a educação, de modo geral, e sobre os currículos escolares, mais especificamente, é problema que afeta a todos os países que vivenciaram os processos de colonização, escravização e embranquecimento cultural. Investigar, estudar e compartilhar a produção destes conhecimentos realizada a partir das próprias negras e negros é elemento fundamental para que possamos construir trocas equânimes que fortaleçam nossa posição como sujeitas e sujeitos do conhecimento.

O presente Dossiê Temático é composto por treze artigos, uma resenha e duas entrevistas que expressam o Pensamento Negro em Educação em diferentes campos do conhecimento educativo: políticas educacionais, práticas pedagógicas apontadas no antirracismo e na decolonialidade, nas diversidades e nas vivências educativas dos múltiplos sujeitos que configuram a população negra no Brasil e em outros contextos afrodiáspóricos.

O artigo de Vívian Parreira da Silva e Aida Victoria Garcia Montrone **Educação como fundamento da vida: algumas reflexões sobre educação das relações étnico-raciais desde o nosso contexto afrodiáspórico** discute as possibilidades de que pedagogias e epistemologias antirracistas, pautadas em conhecimentos e valores afro-brasileiros, podem produzir uma educação fundamentada em “cosmosensações”, trazendo a tona práticas calcadas no diálogo com as sabedorias africanas e ameríndias: a roda, o jogo, a dança como linguagens que rompem com a colonialidade e a educação monocultural.

Paulo Alberto dos Santos Vieira e Karina Almeida de Sousa, no artigo intitulado **Pensamento negro em educação: acesso de estudantes negros ao ensino superior após uma década de tensões e desafios** apresentam breve histórico sobre a instituição de políticas de ação afirmativa no Brasil. Discutem a abrangência da política e em seguida se debruçam sobre o Programa de Integração e Inclusão Étnico-Racial (Piier/Unemat) e seus distintos momentos. Analisam a posição dos atores sociais e as implicações paradoxais presentes na aprovação do Programa, sem tensionamento, e na realização efetiva como política pública quando desconsidera a presença do movimento negro como ator social fundamental para a construção dessas políticas.

Revisão literária em teses e dissertações sobre cotas na pós-graduação da UFPB é o título do artigo de Larissa Cavalcanti de Albuquerque Correio. Nele, a autora apresenta uma revisão dos trabalhos defendidos na UFPB sobre ações afirmativas entre os anos 2008-2017. Realiza um levantamento do percurso metodológico e reflete sobre os principais assuntos que aparecem nos trabalhos. Oferece ao leitor um panorama das

pesquisas que já foram realizadas e as lacunas que poderão tornar-se problemas de pesquisa futuros.

O artigo de Carlos Augusto Sant’Anna Guimarães, **Das mobilizações à política de educação das relações étnico-raciais** trata de discutir a instituição de políticas educacionais pautadas no combate ao racismo, em diálogo com a Teoria do Processo Político, “para compreender a agência do Movimento Negro”. Com esse intuito, retoma vários momentos importantes do processo de organização política do Movimento Negro, com foco na pauta educacional e sua correlação com o Estado brasileiro e como os governos respondem as agendas propostas.

Isis Silva Roza Correio e Luciano Magela Roza Correio abordam no artigo **NEABs e a proposição de educação para as relações étnico-raciais**, os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN e seu Consórcio de NEABs – CONNEABs. Por meio de entrevistas de pesquisadores/as de universidades federais que participantes destas instituições destacam a luta antirracista impulsionada por eles, que ultrapassam os espaços institucionais. De acordo com o/a autora “os NEABs constituem espaços capazes de causar fissuras nas relações historicamente instituídas de dominação e exploração”.

Formação Inicial Docente e Práticas Pedagógicas Antirracistas: experiências do Pibid Pedagogia da autoria de Carla Verônica Albuquerque Almeida e Fabiana Pedreira Gelard discute uma experiência formativa no âmbito do projeto Programa de Iniciação à Docência – PIBID, realizada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no Campus dos Malês/BA. A ação teve como foco subsidiar os/as futuros licenciados/as a trabalharem com as Leis 10.639/09 e 11.645/08 a partir de experiências escolares na educação básica trazendo novos aportes para o exercício da docência.

O artigo de Gasperim Ramalho de Souza e Arnaldo César Roque **Identidades e epistemologias: a Lei 10639/03 na descolonização da escola** situa a legislação antirracista no contexto brasileiro que é orientado pelo racismo estrutural expresso nas dimensões “simbólica, sistêmica e ideológica”. Apresenta de forma crítica a alternativa de realização de uma educação que garanta no sistema educacional o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana a partir de uma educação intercultural crítica superando o apagamento de conhecimentos afro-brasileiros e indígenas em diálogo crítico na efetivação da BNCC.

Edmilton Amaro da Hora Filho, Irene Késsia das Mercês do Nascimento e Edmilsa Josefa de Santana Messias, no artigo **Processos pedagógicos escolares e afrocentricidade: um estudo de caso**, analisam o Projeto: “O Baobá, Árvore que Representa as Raízes da Cultura Africana”. Realizado em uma Escola Municipal da

cidade de Jaboatão dos Guararapes, PE, por meio de uma abordagem que dialoga com aportes teóricos da *Afrocentricity*/Afrocentricidade, conceito desenvolvido pelo Prof. Molefe Asante. Os autores destacam a intencionalidade do projeto de aproximar-se de uma abordagem teórica que emerge, em diferentes situações, como sendo a ferramenta necessária para denunciar e superar práticas racistas e discriminatórias na escola.

Contaçõ de histórias e educaçõ étnico-racial: um convite a mulheres negras, de Kathleen Kate Dominguez Aguirre e Cassiane de Freitas Paixõ, apresenta como os debates teóricos sobre exclusã, processos de representaçõ social e educaçõ étnico-racial serviram de combustã para identificar e analisar representações excludentes reproduzidas nos espaços escolares. A partir das categorias raça, pobreza, perspectivas de mundo e futuro, o estudo sinaliza para a importãncia de realizar investigações no espaço escolar, assim como esta realizada pelas autoras na cidade do Rio Grande/RS. E assertam que agentes sociais podem produzir uma reeducaçõ das relações étnico-raciais através de experiências no cotidiano escolar.

O artigo de Elaine da Silveira Ribeiro Ferrarese e Tamires da Silva Oliveira **A semana da consciênciam negra em uma escola periférica: narrativas de um trabalho coletivo**, mostra por meio das narrativas das professoras envolvidas no projeto em tela, como as autoras buscaram problematizar, contextualizar e refletir a partir de bibliografia majoritariamente negra, as crises e dramas do cotidiano escolar específicos ao recorte racial. Considera-se que as/os professoras/es precisam ecoar suas práticasm exitosasm para que a pluralidade de existênciasm e a luta dos povos negros no Brasil ocorram não apenas em datas específicas, mas ao longo de todo o ano letivo.

Nilson Ferreira de Almeida Correio, no artigo **Dança Africana**, a partir da investigaçõ em páginas eletrônicas da Internet disserta sobre a concepçõ epistemológica do território da dança africana, compreendendo desta forma a sua importãncia dentro da cultura da África. Analisa os significados da esfera dos movimentos e as suas relações, dando importãncia para o corpo, os movimentos e os sentidos, entendendo a sua funçõ cultural e a percepçõ de como habitam o mundo num verdadeiro diálogo crítico entre dança, antropologia e a vida, como uma experiênciam diaspórica que envolvem as técnicas, as estéticas e as poéticas oriundas das formas africanizadas de escrita do corpo.

Proposta de ações de educaçõ ambiental em São Tomé e Príncipe de Osvaldo Vaz Furtado e Andrea Yumi Sugishita Kanikadan é um artigo que analisa o processo de coleta, tratamento, destinaçõ final dos resíduos sólidos e a partir disso propõe ações de educaçõ ambiental em Água Grande, distrito de São Tomé e Príncipe, país do continente africano. O estudo discute a poluiçõ ambiental, destacando a

carecia de boas práticas, englobando todos os processos de gerenciamento dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) e apresenta sugestão para a educação ambiental desde a infância, de modo que exista um envolvimento integrado da gestão pública, sociedade civil e indústrias privadas. Tudo isso se levando em consideração a questão da saúde pública no país.

O artigo **De estero en estero: construcciones educativas de las comunidades negras del Pacífico sur colombiano en medio del conflicto armado**, de Jorge Enrique García Rincón, aborda os processos que originaram um movimento intelectual e pedagógico no Pacífico Sul colombiano, com ênfase nos territórios *afronariñenses*. Destaca os estudos de pensadores negros do departamento de Chocó no século XX, que desenvolveram uma forte crítica ao sistema educacional nacional. E discute como, comunidades negras dessas regiões assumiram a escola como cenário para o surgimento do pensamento ancestral afro-colombiano e as tradições culturais de seus povos na tentativa de exercitar a territorialidade como prática educativa.

Na sequência, em forma de resenha, Elias Alfama Moniz e Victoria Maldonado Bautista discutem o artigo: **A etnoeducação como posição política e identitária do povo afro-equatoriano, de Rocío Vera Santos**. A resenha analisa o trabalho de Vera Santos que, por meio de uma investigação qualitativa e de uma configuração teórica decolonial, revela o processo de consolidação e execução do projeto de etnoeducação afro-equatoriana. Mostra que é um projeto político, epistemológico e educacional que vem se desenvolvendo nas últimas três décadas e com o qual o movimento social afro-equatoriano se posiciona diante do Estado; tentando subverter o legado da colonização, por meio de estratégias, práticas pedagógicas e iniciativas autônomas que revitalizam e resgatam saberes ancestrais, memória e tradição oral.

Na **sessão de entrevistas** Claudemira Vieira Gusmão Lopes conversa com o mestre e professor Jayro Pereira de Jesus, focalizando **O que fomos (África pré-colonial)? O que fizeram de nós (colonialismo)? O que poderemos voltar a vir a ser (educação para a descolonização dos saberes)?** As reflexões compartilhadas pelo mestre nos ajudam a entender que os povos “negros e indígenas foram atravessados por um processo de enviesamento perpetrado pelo colonialismo”. E que, portanto, desfazer e descolonizar nosso pensamento requer o exercício de outro projeto de escola, no qual a noção de ancestralidade é fundamental para promover a unidade de negros e negras na diáspora.

Fechando a sessão, nós, organizadoras, Claudilene Silva, Lucimar Rosa Dias e Silvani dos Santos Valentim compartilhamos a entrevista **A Pensadora Negra em Educação Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva: memórias e reflexões**. Desejamos que as vivências e os ensinamentos dessa importante pensadora contemporânea da

educação brasileira, possam lhes afetar tanto quanto afetou a cada uma de nós. Focalizando o protagonismo das professoras negras, as palavras de Petronilha nos colocam a pensar, o que mais e como fazer para avançar no projeto educacional antirracista e nos indaga sobre as contribuições do Pensamento Negro em Educação para a Educação Brasileira.

A presente edição da Revista *Interritórios* reúne ainda oito artigos na **sessão de fluxo contínuo** que são apresentados a seguir:

Abrindo a sessão, Caio Corrêa Derossi e Thaís Carneiro Carvalho no artigo **Trajatórias histórico-políticas da formação inicial de professores da educação básica no Brasil**, realizam um debate por meio da literatura especializada e de documentos legais e curriculares que versam sobre a formação inicial e o trabalho dos profissionais da educação. Leitura que os permite entender o processo formativo de professores como alvo de disputas e interesses políticos e identificar as propostas curriculares eram dissonantes em relação a defesa realizada por fóruns e associações profissionais, que concebiam à docência como núcleo central para a formação docente.

O artigo **A exigência de novos padrões no ensino jurídico frente as novas tecnologias**, de Maria Angélica Chichera discute questões que dizem respeito aos recursos de aprendizagem utilizados nas salas de aula e a inclusão das novas tecnologias no ensino jurídico. Reflete sobre os impactos das novas tecnologias no mundo escolar, verificam se há a compreensão pelos docentes do Direito das reais tendências para o futuro, no que se refere as novas tecnologias, e se eles possuem a percepção de como essas ferramentas estão modificando o modo de pensar e agir dos agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

A **Avaliação de uma nova abordagem para o ensino de química** é discutida por Júnior Olair Chagas, Fabiana Aparecida Lobo e José Luiz Gonçalves que relatam o processo de elaboração e aplicação de um roteiro de atividade prática para professores do ensino médio, como uma estratégia didática para o ensino da teoria cinética dos gases na disciplina de química. Informam que utilizaram o Youtube por ser uma das plataformas mais acessadas por qualquer estudante e indicam que a abordagem do vídeo experimental apresenta uma vantagem significativa sobre as aulas teóricas, reforçando a importância da utilização de práticas experimentais extras na sala.

Aurinete Barbosa Mulato Pereira Correio e Edmerson dos Santos Reis Correio, no artigo **Contextualização na perspectiva da inclusão do surdo usuário de libras**, buscam suscitar reflexões sobre as especificidades dos processos de ensino e aprendizagem de surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Mostram que “a contextualização não é algo aplicável apenas nas escolas rurais como aparece nos discursos e nas literaturas da região do semiárido”. E por esse caminho, destacam

que a contextualização das palavras é fundamental para a compreensão do conteúdo em exercício, que deve acontecer de forma bilíngue - Português/LIBRAS.

O artigo **Descrevendo algumas subjetivações de um grupo de licenciandos em Matemática**, de Wanessa Mayara da Silva e Simone Moura Queiroz coloca em discussão os processos de subjetivações e/ou agenciamentos que perpassaram o devir docente de licenciandos em Matemática. As autoras conduzem a pesquisa em conformidade com a Filosofia da Diferença e concluem que a falta de opção, baixa concorrência, facilidade de conseguir um emprego, amorosidade pela docência, o gosto e facilidade de compreender a Matemática durante a Educação Básica são algumas dessas subjetivações e agenciamentos.

Lectoescritura inicial y discurso pedagógico en el currículo nicaraguense, de Rafael Meza Duriez reflete sobre o discurso pedagógico que sustenta o método Fonético, Analítico e Sintético (FAS) na Nicarágua. O autor buscou determinar elementos conceituais que constituem o discurso pedagógico como construção teórica, identifica-los no currículo atual e reconstruir o discurso subjacente. A análise de um conjunto de documentos curriculares levam o autor a identificar o carácter reprodutor do método, que é elemento fundamental do currículo e da política educativa, para o ensino da leitura e escrita naquele país.

Aletheia Machado de Oliveira analisa no artigo, **O uso do software Hagaquê nos anos iniciais do ensino fundamental: prática de letramento em contexto digitais**, se o uso do *software* educativo HagáQuê auxilia os alunos no processo de leitura e escrita em contexto digital. A pesquisa envolveu professora e estudantes e contou com observação participante direta intensiva. Conclui a autora que o *software* educativo é uma ferramenta interessante para esse processo, mas alerta que o trabalho articulado com a ferramenta tecnológica computador deve pautar-se através de um processo integrado, crítico, reflexivo e elaborado à luz dos objetivos educacionais.

Fechando a sessão, o artigo **A representação das minorias nas obras literárias do Programa de Avaliação Seriada da UnB (aplicação 2019)**, de Marcus Rodolfo Bringel de Oliveira e Claudio Alves Pereira, analisa como os textos indicados pelo programa de seleção da Universidade de Brasília contemplam a presença ou reforçam a ausência das minorias. Discute as contribuições desses elementos para uma educação que considere as minorias de forma mais inclusiva ou como produtoras de literatura; E ressalta a relevância dos vestibulares na programação de ensino, o papel do cânone no ensino da literatura, na representação e recepção das minorias no texto literário.

Disponibilizar esta edição da Revista *Interritórios* é para nós um alento nesses tempos pandêmicos: indicativo da riqueza, da força, da pluralidade que nos constituem

como seres pensantes. Esperamos que a leitura seja agradável e que os textos aqui apresentados possam ampliar a discussão proposta, suscitar outros debates, fundamentar políticas e práticas educativas de combate ao racismo e fomentar pesquisas que fortaleçam o Pensamento Negro em Educação no Brasil e em outros Contextos Afrodiáspóricos.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, A.S. **A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser.** Tese (Doutorado em Educação/área de Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Recife, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

NEGRO E EDUCAÇÃO. **Relatório do VIII Encontro dos Negros do Norte e Nordeste do Brasil.** Recife: Movimento Negro Unificado, 1988.

SILVA, Claudilene. **A Volta Inversa na Árvore do Esquecimento e nas Práticas de Branqueamento:** práticas pedagógicas escolares em história e cultura afro-brasileira. Curitiba. CRV: 2019.

SILVA. Petronilha Beatriz Gonçalves e. BARBOSA. Lucia Maria de Assunção. (orgs). **O Pensamento Negro em Educação no Brasil.** São Carlos: Ed. UFScar, 1997.